

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ERICK MARCONDES DA SILVA PINTO

ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DA PALATIZAÇÃO DE /S/, /D/, /T/ e /L/ DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Parintins-AM

Janeiro- 2017

ERICK MARCONDES DA SILVA PINTO

ASPECTOS SOCIOLINGUISTICOS DA PALATIZAÇÃO DE /S/, /D/, /T/ e /L/ DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Licenciatura em Letras-Língua
Portuguesa da Universidade Estadual do
Amazonas, como requisito parcial à conclusão
do curso.

Orientador: Prof(a) . Msc (a). Franklin Roosevelt Martins de Castro

Parintins-Am

2017

ERICK MARCONDES DA SILVA PINTO

ASPECTOS SOCIOLINGUÍSTICOS DA PALATIZAÇÃO DE /S/, /D/, /T/ e /L/ DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Curso de Licenciatura em Letras-Língua
Portuguesa da Universidade Estadual do
Amazonas, como requisito parcial à conclusão do
curso.

Aprovada em 13 de Dezembro de 2017

Banca Examinadora:

Prof^a Delma Pacheco Sicsú

Examinador UEA

Prof^a Patricia Christina dos Reis

Examinador UEA

Prof. Franklin Roosevelt Martins de Castro

Examinador UEA

Orientador

Parintins-Am
2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao colegiado de Letras-Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças pra concluir essa monografia.

A minha Família que me apoio em minha jornada de estudos na academia.

Aos meus professores do curso de Letras, Delma Sicsú, Franklin Roosevelt e Patrícia Reis.

Aos meus colegas da minha turma.

EPÍGRAFE

A fonética é uma ciência de grande relevância para o estudo de uma língua, quer seja materna ou estrangeira, considerando-se que tem uma unidade de estudo, o som, que é o fone, “menor segmento discreto perceptível de som em uma corrente da fala”.

Crystal (1988, p. 112),

RESUMO

O português falado no Brasil tem traços fonéticos-fonológicos adquiridos com a evolução da língua. Nessa perspectiva, este trabalho vem abordar as variações fonéticas e fonológicas que ocorrem no português brasileiro abrangendo como percurso metodológico a análise de artigos sobre o fenômeno de palatização de acordo com cinco pesquisas já realizadas no Brasil por outros pesquisadores na área da Linguística. De acordo com as subáreas dessa ciência que investiga as mudanças na fala, destacarei resultados que apontam ocorrências nas formas e pontuando os principais fones que estão em processo de variação. O primeiro artigo trata da realização variável de /l/ prevocálico em sete cidades do Estado do Pará. No segundo artigo trata de uma pesquisa realizada em Flores da Cunha no Rio Grande do Sul. No terceiro artigo aborda a palatização do /S/ em coda silábica em 25 capitais do Brasil e procura verificar de que forma o contexto fonológico subsequente /t +i/ interfere no comportamento dos falantes. No quarto artigo a palatalização das oclusivas dentais diante da vogal alta [i] em João Pessoa com o intuito de compreender como esse processo é realizado pela comunidade linguística. No quinto artigo faz uma investigação da regra variável de palatização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/, na cidade de Feira de Santana (Bahia), em comparação com os resultados de pesquisa anterior (de mesmo tema) realizada em Matinha.

Palavras-Chave: Fonética-Fonologia-Sociolinguística-Palatização-Português.

ABSTRACT

Portuguese spoken in Brazil has Phonetics-phonological traits acquired with a development of the language, in this perspective this work addresses how phonological and phonological variations that occur in the comprehensive Brazilian Portuguese as a methodological course the analysis of articles on the phenomenon of palatamento according to five research already done without Brazil by other researchers in the area of Linguistics. According to the subareas of the science that investigate the changes in the outstanding speech, results that indicate the occurrences in the forms and punctuating the main headphones are in process of variation. The first article deals with the variable realization of /l/ prevocalic in seven cities of the State of Pará. There are no comments on this subject. Flores do Cunha in Rio Grande do Sul. There are no comments on this article. In the fourth article the palatalization of the dental occlusives before the high vowel [i] in João Pessoa with the intention of defining the process by linguistic community. In the fifth article, a study of the variable rule of palatization of dental occlusives / t / and / d / in front of / i /, in the city of Feira de Santana (Bahia), compared to the results of previous research (of the same subject) held in Matinha.

Keywords: Phonetics-Phonology-Sociolinguistics-Palatization-Portuguese.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I: A SOCIOLINGUISTICA E OS ASPECTOS FONÉTICOS-FONOLOGICOS	11
FONÉTICA	11
APARELHO FONADOR	12
SILABA	14
SEMIVOGAL	16
VOGAL.....	16
CONSOANTE.....	17
FONOLOGIA	18
ALOFONE.....	18
ARQUIFONEMA	20
SOCIOLINGUISTICA	21
VARIACÃO LINGUISTICA	24
VARIACÃO FONOLOGICA.....	25
PALATIZAÇÃO.....	26
VARIACÃO LINGUÍSTICA EM PARINTINS.....	27
CAPITULO II: A PALATIZAÇÃO NO BRASIL.....	30
IMAGENS PRELIMINARES DA REALIZAÇÃO VARIÁVEL DE /l/ PRÉVOCALICO NO ESTADO DO PARÁ.....	30
PALATALIZAÇÃO DAS PLOSIVAS ALVEOLARES EM FLORES DA CUNHA (RS): VARIACÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS	32
A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM CAPITAIS BRASILEIRAS, COM BASE EM DADOS DO ALiB: O CASO DE ESTILINGUE E PROSTITUTA.....	34
UM OLHAR SOBRE A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS NO VERNÁCULO PESSOENSE.....	35
O FENÔMENO PALATIZAÇÃO EM LOCALIDADES RURAL E URBANA DA REGIÃO DO PARAGUAÇU – BAHIA	39
O QUE HÁ EM COMUM ENTRE OS TRABALHOS.....	41
A PALATIZAÇÃO É UM FENOMENO RECORRENTE NO PORTUGUES BRASILEIRO? POR QUÊ?.....	45
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

O português falado no Brasil tem características fonético-fonológicas resultantes dos contatos linguísticos ocorridos ao longo da história do país. Este trabalho aborda o fenômeno de palatização no PB que é realizado pelos falantes das regiões do Brasil. O objetivo deste trabalho é fazer um levantamento bibliográfico de artigos de periódicos que estão publicados na internet que tem como tema o fenômeno de palatização no português do Brasil.

O primeiro capítulo deste trabalho aborda as subáreas da linguística que são a sociolinguística e os aspectos fonéticos-fonológicos com uma explanação sobre o assunto. No segundo capítulo traz o levantamento de pesquisas sobre palatização no Brasil, sendo composto de cinco artigos realizados em áreas diferentes do país.

O primeiro artigo trata da realização variável de /l/ prevocálico em sete cidades do Estado do Pará. Revelou-se que a variação está amplamente difundida em falantes de ensino superior e entre as mulheres e seu principal condicionador linguístico é o contexto seguinte. Além disso, os resultados apontaram em caráter provisório e preliminar, alta frequência de palatização de /l/ diante dos fatores linguísticos e sociais.

O segundo artigo trata de uma pesquisa realizada em Flores da Cunha no Rio Grande do Sul e mostra que a palatização é condicionada tanto por variáveis linguísticas quanto sociais e o processo correlaciona-se ao status da vogal-gatilho da regra à qualidade da consoante-alvo, à idade dos informantes e seu local de residência. Além dos condicionadores linguísticos e sociais do processo, objetiva-se verificar a proporção total da regra, sua tendência a progredir, regredir ou estabilizar-se no sistema da comunidade.

O terceiro artigo aborda a palatização do /S/ em coda silábica em 25 capitais do Brasil e procura verificar de que forma o contexto fonológico subsequente /t+i/ infere no comportamento, e observou-se que mesmo em contexto seguinte no processo de palatização no grupo de capitais do Brasil são caracterizadas pela predominância de alveolares como é o caso de: Belo Horizonte, Campo Grande, Curitiba, Goiânia, São Paulo e Vitória, a palatização do /S/ é favorecido pela presença das variantes desvozeadas palatizadas no contexto seguinte. Notou-se a presença do contexto /t+i/, nos vocábulos estilingue e prostituta seguinte ao S favorece a palatização com maiores índices de ocorrências nas capitais.

O quarto artigo a palatalização das oclusivas dentais diante da vogal alta [i] em João Pessoa com o intuito de compreender como esse processo é realizado pela comunidade linguística em questão e qual o status que essa variante goza, permitindo o apontamento ou

não de uma mudança linguística. Constata-se que no dialeto pessoense é observada uma exceção à regra de palatalização mais utilizada nessas regiões, já que os falantes de João Pessoa tendem a inibir a palatalização diante da vogal alta. Mas em palavras como muito e gosto, a palatalização acontece com mais frequência. Desta forma a assimilação progressiva, em que o contexto fonológico anterior exerce influência sobre o seguinte, está mais presente no dialeto pessoense do que a regressiva.

O quinto artigo faz uma investigação da regra variável de palatização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/, na cidade de Feira de Santana (Bahia), em comparação com os resultados de pesquisa anterior (de mesmo tema) realizada em Matinha. O estudo propõe analisar linguisticamente a comunidade, estudando a aplicação da regra de palatização na fala feirense e investigar qual a ocorrência nos fonemas /t/ e /d/ e a propensão de um ou outro ao processo, e compará-los aos resultados obtidos no projeto anterior “A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano” realizado com falantes do distrito de Matinha, onde se constatou tendência maior à assimilação dos segmentos palatizados por falantes do sexo feminino de faixa etária 15 – 29 anos.

CAPITULO I: A SOCIOLINGUISTICA E OS ASPECTOS FONÉTICOS-FONOLOGICOS

FONÉTICA

A Fonética leva em conta os aspectos dos sons das línguas, descreve como o som é produzido, ou seja, seus mecanismos de realização e produção. Procura realizar uma descrição do aspecto fônico da fala das pessoas e do modo de como é produzido em cada língua, levando em consideração também o timbre da voz, altura, volume e duração. Mesmo que a língua evolua, ela sempre será a parte da ciência que estuda os sons da fala, Segundo Cristófaró:

A fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana (CRISTÓFARO, 2003, pág. 23).

A fonética divide-se em três partes, a fonética articulatória, fonética acústica e a fonética auditiva. A fonética preocupa-se com o significante do signo linguístico, além disso, ela procura fazer uma análise fônica dos sons ou dos atos da fala que são realizados pelos falantes das línguas, estuda o aparelho fonador, os movimentos dos lábios e da língua, os pontos de articulação, a obstrução do ar, a obstrução das cordas vocais e Investiga as características físicas dos sons que permitem a sua articulação e recepção auditiva. A unidade básica de estudo para a fonética é o fone.

A fala humana é capaz de produzir diversos fones, e um grupo composto de um fone pode ser chamado de fonemas que ela analisa e descreve esses fones como sons isolados em sua realização concreta. O Fonema é a unidade sonora que é capaz de estabelecer diferenças entre um vocábulo e outro e o fonema é a representação sonora do som concreto que é realizado através da fala. Além disso, os fonemas são classificados em vogais, semivogais e consoantes e utiliza-se o Alfabeto Fonético Internacional para representar esses fones nas transcrições fonéticas.

Quando realizamos a palavra aflito, por exemplo, emitimos três sílabas e seis fonemas: a-fli-to. Percebemos que numa sílaba pode haver um ou mais fonemas. No sistema fonético do português do Brasil há, aproximadamente, 33 fonemas. É importante não confundir letra com fonema. Fonema é som, letra é o sinal gráfico que representa o som. Ela fundamenta-se em estudar os sons da voz humana, examinando suas propriedades físicas

independentemente do seu “papel linguístico de construir as formas da língua”. Sua unidade mínima de estudo é o som da fala, ou seja, o fone. A Fonética se diferencia da Fonologia por considerar os sons independentes das oposições paradigmáticas e combinações sintagmáticas.

A fonética é uma ciência histórica que analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. Já a fonologia se coloca fora do tempo, pois o mecanismo da articulação permanece estável de acordo com a estrutura da língua em questão.

Mesmo não sendo uma concepção contemporânea, foi Saussure quem primeiro fez a distinção entre as duas ciências, através do uso de suas dicotomias (Langue/Parole, Forma/Substância). Foi com componentes do Círculo Linguístico de Praga que a Fonologia passa a adquirir seu próprio objeto de estudo. O termo fonética pode significar tanto o estudo de qualquer som produzido pelos seres humanos, quanto o estudo da articulação, da acústica e da percepção dos sons utilizados em línguas específicas.

APARELHO FONADOR

Um órgão do organismo humano que é formado por outros órgãos é o aparelho fonador que é o principal órgão para a produção da fala. Ele é formado pelos pulmões, brônquios, traqueia, laringe, glote, faringe, úvula, fossas nasais, cavidade bucal, língua, dentes superiores e dentes inferiores, lábios superiores, lábios inferiores. Segundo Cristófaru:

As partes do corpo humano que utilizamos na produção da fala têm como função primária outras atividades diferentes como, por exemplo, mastigar, engolir, respirar ou cheirar. Entretanto, para produzirmos qualquer som de qualquer língua fazemos uso de uma parte específica do corpo humano que denominaremos de aparelho fonador. (CRISTÓFARO, 2003. pg; 24)

São os pulmões que fornecem energia para a produção do som, deles que vem a corrente de ar inspiratória e expiratória que passa pelos demais órgãos assim articulando o som para a sua plena produção e realização. Os brônquios e a traqueia servem de canal condutor da corrente aérea dos pulmões para a laringe. Segundo Callou e Leite:

Os sons utilizados no exercício da linguagem humana são vibrações com frequências, intensidades e durações características, produzidas por uma coluna de ar em movimento, que, tendo início nos pulmões na fase

expiratória do processo de respiração, percorre o chamado aparelho fonador. (CALLOU & LEITE.2009, pg; 16)

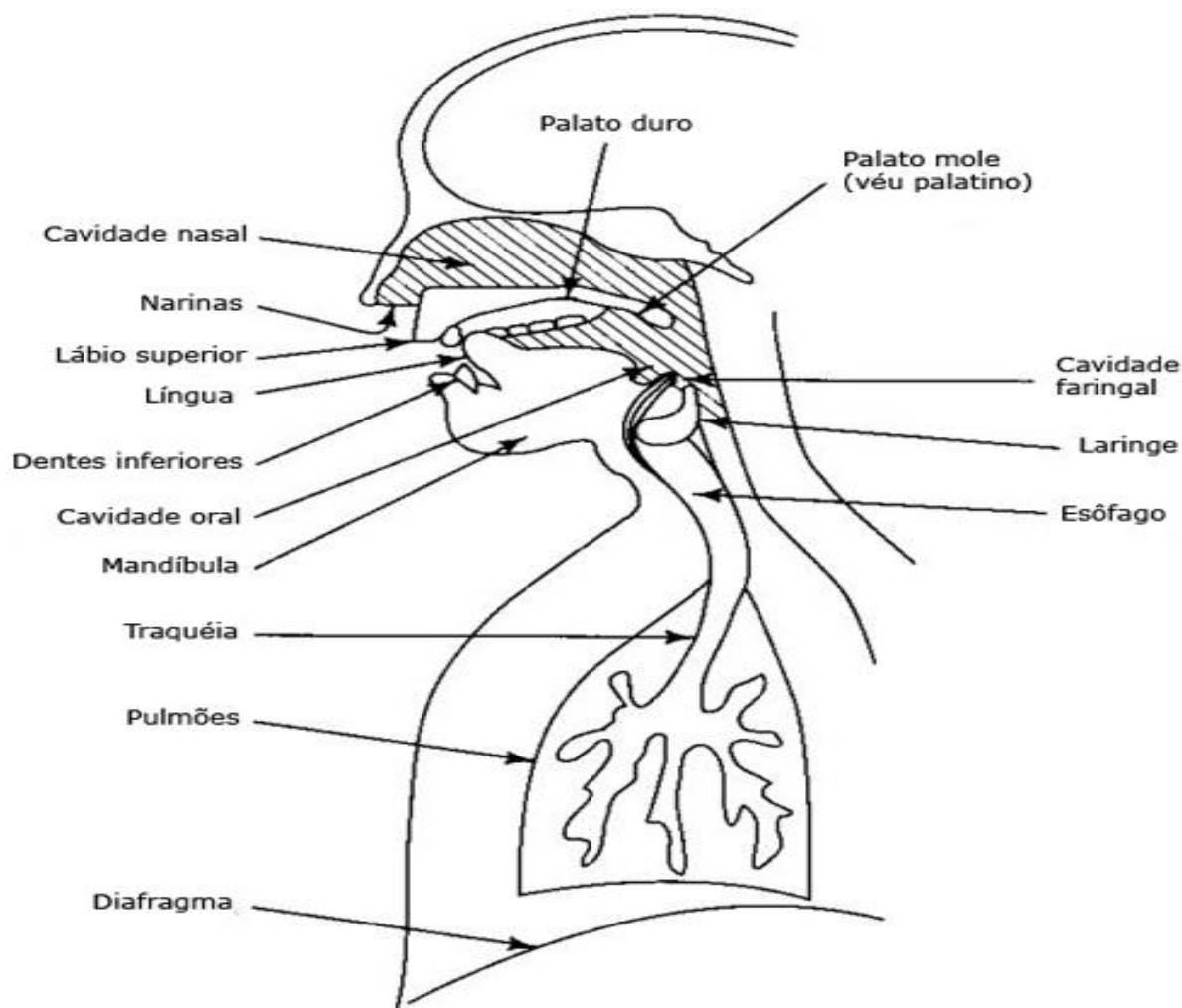
A glote é um dos órgãos essenciais da fonação, onde estão as pregas vocais e ambas ficam na laringe. Quando a glote está aberta e as pregas vocais afastadas uma da outra, a corrente de ar aérea que vem dos pulmões passa livremente e quando completamente fechada, a glote interrompe a passagem da corrente aérea. Com a glote fechada as pregas vocais fechadas, muito próximas e tensas, opõem resistência a corrente de ar e conseqüentemente vibram, produzindo o som glotal.

As pregas vocais que são músculos que provocam os efeitos sonoros da fonação, e com o estreitamento provocado no canal por onde transita a corrente aérea. A faringe serve juntamente com a cavidade bucal de caixa de consonância que permite amplificar os sons harmônicos que são variações do som fundamental da voz.

A úvula que fica no fim do palato mole faz parte do sistema articulatório, e fica na cavidade bucal, e têm duas posições a fechada e a aberta. Quando ela está na posição fechada a corrente de ar expiratória vai para a cavidade bucal, produzindo os sons orais. Quando ela está na posição aberta, a metade da corrente expiratória vai para as fossas nasais, que fica como uma caixa de ressonância e reforça outros sons harmônicos, produzindo os sons nasais.

A concepção de produção dos sons é analisada em três ângulos diversos: iniciando do falante, o que passa no aparelho fonador. Os efeitos acústicos da onda sonora realizada pela corrente de ar em sua passagem pelo aparelho fonador e a percepção da onda sonora pelo ouvido do ser humano. Os sons utilizados nas atividades de falas da linguagem humana são vibrações com frequências, intensidades e durações.

Para a produção dos sons com função distintiva, usa-se a corrente de ar forte, os sons plosivos que são resultantes da expulsão do ar dos pulmões, devido ao levantamento do diafragma pela ação dos músculos intercostais. A corrente de ar, que se inicia nos pulmões pode ser interrompida na glote ou na boca.



Disponível em: <http://seven-e.com/tag/aparelho-fonador/>

Acesso: [10.08.2017](#)

SILABA

O conjunto de fonemas emitidos em uma corrente de ar expirada é o que se chama de sílaba que são as unidades fonológicas que formam as palavras e pode ser como o som que a partir de uma articulação compõe de um núcleo fônico, distinguido de outros através de depressões da voz. Em português seu núcleo é sempre uma vogal. (Cristófar, 2009) Sílabas são constituídas de vogais - que representamos por V - e consoantes - que representamos por C. As sílabas são apoiadas por uma vogal e são realizadas e oralizadas para atmosfera num único jato de ar, materializando na fala ao atingir a atmosfera. Segundo Cardoso:

A sílaba fonética é toda emissão da voz laríngea caracterizada pela passagem do estreitamento à abertura do canal supraglótico (acima da glote). Esse conceito de sílaba fonética tem como base parâmetros da fonética articulatória. (CARDOSO, 2009,pg.171)

A sílaba é um acréscimo da pressão do ar expelido dos pulmões pela atividade de pulsação dos músculos respiratórios que faz com que a saída do fluxo do ar não seja contínua, mas em jatos sucessivos. Uma sílaba é aberta quando não há consoante no seu declive e travada quando a tem. Segundo Cristófarro:

Os movimentos de contração e relaxamento dos músculos respiratórios expõem sucessivamente pequenos jatos de ar. Cada contração e cada jato de ar expelido dos pulmões constitui a base de uma sílaba. (CRISTÓFARO,2003.pg; 76)

Quanto ao número de sílaba se classificam em monossílabo, quando tem apenas uma sílaba, dissílabo, quando tem duas sílabas, trissílabo, quando tem três sílabas e polissílabo, quando tem mais de três sílabas.

Existe a sílaba tônica que é produzida com um pulso reforçado, então na produção dessas sílaba tônica o jato de ar é mais forte e conseqüentemente são acentuadas. Em relação às sílabas que são produzidas com menos forças, encontram-se as sílabas átonas que não são acentuadas. Difere as posições das sílabas na palavra, por exemplo, sua posição pode ser sílaba tônica, e outras como proparoxítona, quando a sílaba tônica é antepenúltima e paroxítona quando a sílaba tônica é a penúltima e oxítona, quando a sílaba tônica é a última. Segundo Cardoso:

A silabação é o termo que se refere à divisão de uma palavra em sílabas. No Português temos: Monossílabo – palavra de uma sílaba. Dissílabo – palavra de duas sílabas. Trissílabo – palavra de três sílabas. Polissílabo – palavra de mais de três sílabas. (CARDOSO, 2009. pág.; 172)

As sílabas se separam, isso depende dos encontros vocálicos e dos dígrafos, quando existe, na palavra, ditongo ou tritongo, eles não se separam. Os hiatos são separados e os

dígrafos na língua portuguesa podem ser separáveis e inseparáveis, ou seja, ficam em sílabas diferentes e nos ditongos crescentes, tem sempre a possibilidade de separar ou não, ou seja, considerar ditongo crescente ou hiato.

SEMIVOGAL

As vogais plenas estão em constantes mudanças nas falas das pessoas no dia a dia e as semivogais são sons que possuem características fonéticas de vogais, mas não são vogais plenas, não há obstrução da passagem do ar através da boca.

Algumas vezes, os fonemas /u/ e /i/ não constituem vogais, eles aparecem apoiados em uma vogal, formando uma sílaba. Neste caso, esses fonemas são denominados semivogais. As semivogais, diferentemente das vogais, não desempenham o papel de núcleo silábico.

Na língua portuguesa as semivogais são [y] semivogal palatal, já que a língua se aproxima do palato duro e [w] semivogal labiovelar. A semivogal ocorre sempre acompanhando uma vogal em ditongos e tritongos, a vogal em português é sempre o núcleo de uma sílaba, além disso, a semivogal nunca ocupa o núcleo, por isso, ela é chamada também de vogal assilábica ou semiconsoante. Segundo Simões:

Semivogal é um fonema produzido como vogal, mas que funciona como consoante (no acento ou no declive silábico). (SIMÕES, 2006; pág. 29)

Como a vogal esta na base, o grafema [i] representa um som vocálico; no entanto, por estar fora da base, tal som desempenha papel típico das consoantes. E o som [i] representa um fonema de natureza vocálica e consonantal /y/, sendo, por isso, uma semivogal. A denominação semiconsoante resulta do critério funcional sobreposto ao da natureza do som.

VOGAL

A expiração pura sai do organismo sem enfrentar nem um obstáculo no seu percurso até a atmosfera e se materializar no som. O som vocálico que vem dos pulmões e atinge a atmosfera transita pelos canais condutores da corrente aérea, assim transitando sem obstáculos pelo conduto respiratório. Ela tem sua realização independente. Há alguns fenômenos relacionados à vogal que se chamam de ditongo, tritongo e hiato, que ressaltam o encontro ou junção de vogais com semivogais. E vale ressaltar que não existem sílabas sem vogais,

portanto as vogais são indispensáveis nas palavras. Além disso existe algumas características das vogais serem átonas ou tônicas. Isso se relaciona com a intensidade da pronúncia na hora da realização e o acento que faz com que as cordas vocais vibrem com mais ou menos força. Segundo Cristóforo:

O sistema vocálico do português deve ser analisado em relação ao sistema acentual. Temos em português vogais tônicas (ou acentuadas) e vogais pretônicas e postônicas (ou átonas). (CRISTÓFARO,2003.pg;171)

As vogais são as primeiras palavras que uma criança começa a falar, porque, são mais fáceis por serem jatos de ar que não enfrentam obstáculos no canal condutor do aparelho fonológico. Depois com o passar do tempo que ela vem aprender a pronunciar as consoantes, por elas, terem que enfrentar obstáculos na hora de saírem ate a atmosfera se materializando na fala. Portanto as vogais são jatos de ar que saem livremente que não são bloqueados, mesmo assim há em alguns idiomas em que acontece o fenômeno de existirem as vogais nasais. No alfabeto fonético internacional constam sete vogais, portanto a uma diferença para o alfabeto em que a gramática defini-la existência apenas de cinco vogais.

CONSOANTE

Já a consoante resulta de uma corrente de ar que vem forçando pelo canal condutor até se materializar na atmosfera na fala dos seres humanos, ou seja, essa corrente de ar vem enfrentando obstáculos pelo aparelho fonador. Na língua portuguesa temos vinte consoantes oralizadas. Segundo Simões:

O som consonantal- ou consoante- é um ruído (som impuro) que resulta de corrente de ar que vem forçando passagem, atravessando obstáculos no conduto respiratório até atingir a atmosfera. (SIMÕES, 2006; pág.; 22)

As consoantes em posição prevocálicas que são sílabas formadas de uma ou duas consoantes. Para consoantes prevocálica pode dizer que quando elas estão em posição inicial ocorre empréstimo. Quando uma consoante ocorre antes da vogal tem uma sílaba e a consoante pode ser qualquer consoante do sistema. Quando ocorrem duas consoantes precedendo uma vogal é chamado de encontro consonantal. Em encontros consonantais as duas consoantes são parte da mesma sílaba. Já as consoantes posvocalicas ocorre em posição

final da sílaba que ocorre no fonema uma troca de um pelo outro e não haverá mudança de significado da palavra.

FONOLOGIA

A linguística tem vários ramos, mas a fonologia é um ramo dessa ciência que estuda o sistema sonoro de um idioma. Ao se estudar a maneira como os fones dos sons que se organizam dentro de uma língua. Classifica-os em unidades capazes de distinguir significados, chamadas fonemas. Segundo Simões:

A fonologia é a parte da linguística que se ocupa dos sons da língua, ou seja, levanta, classifica e estabelece as distinções básicas entre fonemas de uma língua, visando à descrição de sua estrutura fônica, o que possibilita distingui-la de outras línguas e definir seu padrão combinatório no nível da sílaba (SIMÕES. 2006.pag;18)

Além disso, ela se ocupa dos sons da língua que distinguem significado na mesma, ou seja os fonemas (ex:[b]ala/[p]ala), ou seja estuda os fones de acordo com a função que eles desempenham em uma determinada língua, relacionando-os à diferença de significado e a sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras.

Preocupa-se com a maneira pela qual os sons da fala (os fones) se organizam dentro de uma língua, classificando-os em unidades capazes de distinguir significados: os denominados fonemas. A Fonologia também estuda outros assuntos, como a estrutura silábica, o acento e a entonação.

Dessa forma a fonologia nada mais é do que o estudo dos sons. Esses sons, dos quais essa parte da gramática se ocupa em analisar, são representados pelos fonemas (unidade sonora distinta). Devem-se observar alguns detalhes importantíssimos, como a diferenciação demarcada entre letras e fonemas. São os sons representados, e aquelas são apenas sinais gráficos que procuram representar esses sons, embora nem sempre tal representação se dê de maneira perfeita.

ALOFONE

Existem variações fonéticas de um mesmo fonema que são os alofones, variação que estão condicionadas por fatores contextuais e sociais. Como o fone é a concretização do fonema, os alofones são variações fônicas. As realizações possíveis de um fonema ou variantes de um fonema são os alofones. A alofonia não produz alteração no signo, o significado do vocábulo se mantém, independentemente da pronúncia. Segundo Simões

Já é possível definir a alofonia como variação da realização de um fonema da qual não resulta qualquer interferência sígnica. Melhor dizendo: a variação alofônica tem efeito apenas fonético, pois, não altera o signo, não provoca ruído na comunicação, não muda o significado contextual. Tanto faz dizer *sal* com travador consonantal ou vocálico que seu significado será o mesmo (SIMOES, 2006. pág; 37).

A troca de um som pelo outro não produz mudança de significado. Nessa situação, tais sons são considerados variantes fonológicas ou alofones de um mesmo fonema. Assim, [S], [Z] e [z] constituem alofones ou variantes fonéticas do fonema /s/ marca de plural, ocorrência que pode ser descrita através de regras fonológicas.

São exemplos de alofones condicionados pela variante dialetal as realizações fonéticas do grafema e do correspondente fonema / S /, em algumas regiões são articulados quer como uma africada [t S] em , por contraste com uma articulação palatal simples [S] na variante do português padrão. Assim, dialetalmente podemos dizer que [t S] e [S] são alofones do fonema / S /. Os alofones podem classificar-se em: Livres- dependem dos hábitos articulatorios de cada falante. Assim, em princípio, muitos alofones são possíveis para qualquer fonema. Posicionais – ocorrem em decorrência da posição que ocupam na cadeia fonológica e da proximidade dos fonemas vizinhos.

Assim, [S] e [Z] constituem alofones ou variantes fonéticas do fonema /s/ marca de plural, ocorrência que pode ser descrita através de regras fonológicas. São exemplos de alofones condicionados pela variante dialetal as realizações fonéticas do grafema <ch-> e do correspondente fonema / S /, em algumas regiões do nordeste de Portugal, que são articulados quer como uma africada [t S] em <chapéu>, por contraste com uma articulação palatal simples [S] na variante do português padrão. Assim, dialetalmente podemos dizer que [t S] e [S] são alofones do fonema / S /.

Constituem ainda exemplos de variantes estilísticas ou livres, por resultarem de opções individuais, as realizações do fonema /R/ através dos alofones [R] (vibrante uvular múltipla) ou [r̃] (vibrante alveolar múltipla), em palavras como <rodar> ou <arrancar>.

Conclui-se que os alofones são as realizações fonéticas de um mesmo fonema, variação essa que é condicionada por fatores contextuais (inerentes à vizinhança fonética ou coarticulação), dialetais (em função da variedade geográfica que é falada) ou que simplesmente decorre de opções estilísticas individuais. São exemplos de alofones condicionados pelo contexto, as realizações do fonema /s/ marca de plural, que se realiza através de três fones diferentes, do seguinte modo [S] antes de consoante surda ou em posição final absoluta: <olhos pretos>. [Z] antes de consoante sonora: <olhos verdes>. [z] antes de vogal: <olhos azuis>.

ARQUIFONEMA

Arquifonema pode ser um fonema resultante da neutralização de outro fonema. Ele representa os fonemas neutralizados e é simbolizado através de uma letra maiúscula. Então é um som que é neutro e não apresenta características da palavra de significação. Ele pode apresentar redundâncias em varias palavras e mesmo assim será um arquifonema por apresentar grafia diferente da outra que realmente é na palavra. Uma consoante é neutralizada embora tenha o mesmo som, mas sera representada por outra consoante. Segundo Cristóforo:

Um arquifonema expressa a perda de contraste fonêmico, ou seja, a neutralização - de um ou mais fonemas em um contexto específico. Em (9) apresentamos a distribuição do arquifonema /S/ em português (CRISTOFARO, 2003. pág.; 158).

Basta o fonema ser mudado para alterar o significado da palavra. Em linhas gerais o arquifonema é uma classe de fonemas que perderam a sua capacidade de distinguir vocábulos. Quando dizemos mata e nata, o m e o n são fonemas porque distinguem vocábulos.

Há casos, no entanto, em que dois fonemas diferentes perdem sua função de distinguir vocábulos. Por exemplo: o r simples entre vogais é um fonema, porque distingue o vocábulo caro de carro. As alterações porque passam os fonemas em sua articulação podem, em determinadas circunstâncias neutralizar a real oposição entre eles. O arquifonema corresponde acusticamente a um dos fonemas neutralizados ou é o dominador comum de todos eles, contendo apenas os traços distintivos em comum.

Dizemos mata e nata, o m e o n são fonemas porque distinguem vocábulos. O fonema é uma classe de sons. Por exemplo, o <r> inicial de <rato> pode soar como um h aspirado, como na palavra inglesa haver (ter); pode soar como uma consoante gutural ou

velar, semelhante ao ruído que se faz quando se limpa a garganta para escarrar; pode soar com a língua batendo nos alvéolos, como fazem os paulistas, etc. Todas essas pronúncias possíveis do <r> inicial são simbolizadas assim: /r/. Esse símbolo representa todas as pronúncias possíveis do <r>, mesmo as que não descrevemos aqui. O símbolo /r/ representa, portanto, não um som, mas uma classe de sons, que tem a função de distinguir vocábulos. O /r/ inicial é fonema porque distingue os vocábulos rato e pato, por exemplo (o /p/ também é um fonema, porque distingue pato de mato, por exemplo).

No entanto, em que dois fonemas diferentes perdem sua função de distinguir vocábulos. Por exemplo: o r simples entre vogais é um fonema porque distingue o vocábulo caro de carro. Mas, em final de sílaba ou de vocábulo, os dois r, o simples e o múltiplo, deixam de ter função distintiva e podem ser pronunciados um pelo outro. Por exemplo, podemos pronunciar o /r/ de mar seja como uma consoante batida ou flap (r simples) seja como uma velar ou alveolar (r múltiplo). Ou então que houve uma neutralização, tem-se então o arquifonema, que é uma classe de fonemas (assim como o fonema é uma classe de sons, o arquifonema é uma classe de fonemas) que é representado por uma letra maiúscula entre barras: /R/.

As alterações por que passam os fonemas em sua articulação podem, em determinadas circunstâncias neutralizar a real oposição entre eles. A arquifonema corresponde acusticamente a um dos fonemas neutralizados ou é o dominador comum de todos eles, contendo apenas os traços distintivos em comum. Em português, como prova a comutação tem-se "assa", "asa", "acha" e "haja", e há algumas possibilidades de se neutralizar essa oposição quando esse fonema ocorre em final de sílaba ou de palavra.

SOCIOLINGUÍSTICA

Na sociedade há diferentes modos de falar uma forma linguística, isso porque, nem todos falam iguais. A sociolinguística é a subárea da linguística que se interessa, estuda e explica essa variação da linguagem. Essa variação acontece por fatores linguísticos e sociais. Ela também estuda os padrões de comportamento de uma sociedade e formatiza através de um sistema constituído de várias regras e estuda as diversas formas que constituem uma diversidade de variantes realizadas em um sistema linguístico. Segundo Mollica:

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que

correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Essa ciência se fez presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2013, pág.; 09).

O objeto de estudo da Sociolinguística e a língua, ela é o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Essa ciência estuda a relação da língua com a sociedade. Para a sociolinguística a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico. Ela estuda a variedade linguística a partir de dois pontos de vista o diacrônico e sincrônico. Na perspectiva diacrônica são analisadas as palavras de uma língua que não são mais usadas ou que caíram no desuso, já na perspectiva sincrônica o pesquisador pode abordar no mesmo plano temporal a língua a partir de três pontos de vista o geográfico, social e estilístico.

A sociolinguística tem uma grande importância para investigar dados sobre língua e fatores sócio-culturais, ou seja, são duas realidades que se interrelacionam de uma forma que é impossível pensar na existência de uma sem a outra. Os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na Sociolinguística. Comunidade de fala para esse modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente iguais, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Nesse sentido, a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sócio-cultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua. Portanto, como observou Mollica (2003, p. 10), "ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível".

Desse modo, um estudo sociolinguístico visa à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Para tanto, calcula-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, possui na realização de uma ou de outra variante. Ao formalizar esse cenário, a análise sociolinguística busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um

determinado momento (isto é, sincronicamente) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (isto é, diacronicamente).

As pesquisas sociolinguísticas têm buscado traçar um perfil da mudança em progresso e um perfil da variação estável através da combinação dos resultados das variáveis idade, sexo, classe social e nível de escolaridade, a partir da noção de prestígio. No que concerne à faixa etária, a variação estável se caracterizaria por um padrão curvo linear, no qual as faixas intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de prestígio; já na mudança em progresso, a distribuição seria inclinada, com os mais jovens apresentando a maior frequência de uso das formas inovadoras. Segundo Labov:

Assim, um cenário em que os falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade exibem proporcionalmente uma maior frequência de uso das formas de prestígio do que o falantes da classe média (e estes, por sua vez, uma maior frequência do que os da classe baixa) apontaria para uma situação de variação estável; enquanto que os processos de mudança tendem a ser liderados pelos indivíduos mais integrados da classe média baixa e/ou das seções mais elevadas da classe operária (LABOV, 1982, p. 77-78).

No que concerne à variável sexo, nas situações de variação estável, as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao uso das formas de prestígio, o que pode ser aferido numa escala de níveis de formalidade da fala. Por outro lado, nas mudanças em que se abandona o uso de uma forma padrão, o processo tende a ser liderado pelos homens, enquanto que as mulheres lideram as mudanças em direção às formas de prestígio.

Mas o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística. Existem outros ramos da Sociolinguística que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas é importante determinar a estrutura da linguagem como suas formas e organização subjacentes e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia-a-dia que provam ser bastante úteis para alcançar esses objetivos da pesquisa em Sociolinguística.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

É um movimento comum e natural da língua, que varia principalmente por fatores históricos e culturais de acordo com o contexto histórico, geográfico e sociocultural no qual os falantes dessa língua se manifestam verbalmente. Variedade linguística se define pela forma pela qual determinada comunidade de falantes, vinculados por relações sociais usa as formas linguísticas de uma língua natural. Como por exemplo, a variante padrão é usada por grupos sociais que tem o nível escolar avançado. A variante coloquial é usada no dia a dia, sem respeitar as regras lógicas da gramática, e assim por diante. A variável escolar tem uma relevância fundamental, por que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Segundo Mollica:

Ao estudar a língua em uso numa comunidade, defrontamo-nos com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se (MOLLICA, 2013. pág.; 67).

Pessoas de mesmo grupo social expressam-se com falas diferentes de acordo com as diferentes situações de uso, sejam situações formais, informais. Há falares específicos para grupos, como profissionais de uma mesma área médicos, policiais, profissionais de informática, metalúrgicos, alfaiates, por exemplo, jovens, grupos marginalizados e outros. São as gírias e jargões. Nem todas as variações linguísticas têm o mesmo prestígio social no Brasil. Basta lembrar de algumas variações usadas por pessoas de determinadas classes sociais ou regiões, para perceber que há preconceito em relação a elas.

A nossa língua é tida como uma instituição social, onde todos formam a língua, e as variações de um elemento variável são chamadas variantes por vários autores que pesquisam a língua enquanto objeto social. Ao ver pelo lado da variação, a distribuição do padrão de uso das variantes de uma variável em uma determinada comunidade de fala depende de fatores sociais, como o gênero do falante, seu nível de escolaridade, sua faixa etária, sua origem étnica e a classe socioeconômica a que pertence.

Do ponto de vista da sociolinguística ao ensino de língua portuguesa que reflete as variações no convívio social, suas alterações e as diferenciações de cada grupo social. Assim

quando se trabalha a língua numa perspectiva sociolinguística, entende-se que a nossa língua não é homogênea, mas produto de sua história e de seu presente não existindo línguas nem variedades inferiores e, conseqüentemente, eliminando o preconceito linguístico. A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de falar utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas.

VARIAÇÃO FONOLÓGICA

Os estudos acerca do desenvolvimento da fonologia no processo de aquisição fonológica contribuem para a compreensão das patologias da fala. Essa aquisição da linguagem oral surge nos primeiros anos de vida do falante e envolve a percepção, a produção e a organização das regras de distribuição dos fonemas nas sílabas. Esse processo implica o desenvolvimento da criança, a qual aprende não só os sons que são usados na sua língua, mas também como são organizados. Quando falamos emitimos sons, mas esses sons não são realizados de uma mesma maneira por todos os membros de uma comunidade linguística por isso a língua não é considerada individual, mas sim social, ou seja, não é usada da mesma forma por todos os usuários da língua em todas as situações. É possível encontrarmos no português brasileiro, como em qualquer outra língua, casos de variação no nível fonético-fonológico. Segundo Mollica:

Diversas realizações fonéticas de um fonema num mesmo contexto linguístico, os alofones em variação, como parte integrante da organização do subsistema fonológico. Dessa forma, é de se esperar que existam diferentes realizações fonéticas para uma mesma unidade fonológica num mesmo contexto dentro de uma mesma comunidade (MOLLICA,2013.pág; 74)

A ocorrência das variantes de uma variável fonológica pode estar correlacionada a pressões ou efeitos no fonema ou na sílaba. Os fonemas podem ter mais de uma realização no ambiente ou comunidade. A realização das variantes de uma variável fonológica está correlacionada à influência do ambiente fonético, ou seja, os segmentos sonoros nem sempre se realizam da mesma maneira. Eles estão sujeitos a variações dependendo, por exemplo, do contexto que ocupam na palavra ou da variedade a que o falante pertence. Uma questão também relacionada às mudanças que afetam as unidades sonoras diz respeito à unidade de

mudança, o som, por exemplo, de fonemas que são representados na grafia fonológica com outros símbolos. O processo de aquisição do sistema fonológico do falante ocorre gradativamente no decorrer da idade infantil, então no decorrer do crescimento o indivíduo pode mudar os sons dos segmentos na realização destes enquanto crescem. À medida que a criança vai aprendendo sua língua, esses processos devem ser superados, permitindo a adequação para o padrão adulto.

Outra questão influencia também é a assimilação que é responsável por um grande número de variações fonético-fonológicas, que decorrem das modificações sofridas pelos sons em contato com outros. Nessas modificações, é possível uma consoante assimilar os traços distintivos de uma vogal assimilar os traços distintivos de uma consoante e ainda, um vogal afetar outra vogal. Outro fenômeno também como o alçamento da vogal final. Além disso, há diferentes ideias que discutem o processo de aquisição fonológica e a sua variação, subtendendo-se que há uma variabilidade quanto às informações não só de faixas etárias, mas também de ordem de aquisição dos segmentos. Por isso, devem-se considerar, no percurso de aquisição normal, as diferenças individuais. Para a variação fonológica da palavra que se dá por fenômenos em que as duas variantes (formas) são possíveis na língua, embora em muitos casos, uma variante se sobressaia sobre a outra.

PALATIZAÇÃO

A palatização dos seguimentos da fonética se dá em vogais e consoantes, e é um movimento realizado através de um segmento fônico que muda o seu ponto de articulação inicial para assumir uma articulação na região do palato duro, isto é, um processo assimilatório que envolve a adoção, por um segmento, de características de seguimentos vizinhos, como a lamina da língua na articulação do seguimento. Segundo Dubois:

A palatalização é definida como o fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal. A palatização se trata de qualquer movimento da língua em direção ao palato duro (Dubois, 1998, pág.449).

O fenômeno de palatalização tem sido tradicionalmente caracterizado como um caso de distribuição complementar, no qual as consoantes africadas ocorrem seguidas da vogal [i] e as consoantes oclusivas alveolares ocorrem seguidas das demais vogais. Quando a palatalização se aplica, tem-se exemplos como [tʃ]ia e [t]apa sendo que tanto africadas quanto

oclusivas alveolares ocorrem em variedades palatalizantes. O português teria somente consoantes oclusivas alveolares, sendo que as africadas surgiriam em decorrência do processo de palatalização. A palatalização de oclusivas alveolares é um fenômeno que distingue o português brasileiro das variedades do português europeu.

O movimento da língua em direção ao palato duro, mas sendo mais comum o seu uso para a articulação. Fonologicamente explicando, a palatização é um fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal. Os estudos sobre os sons palatais apontam para a diversidade dos modos em suas realizações a vários fatores linguísticos e sociais.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PARINTINS

Parintins é um município brasileiro no interior do estado do Amazonas. Pertence à mesorregião do Centro Amazonense e microrregião de mesmo nome, localizando-se no extremo leste do estado, distando cerca de 370 quilômetros da capital Manaus. Sua população foi estimada em 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 113 832 habitantes, sendo o segundo município mais populoso do estado do Amazonas. Sua área é de 5 952 km², representando 0,3789% do estado do Amazonas, 0,1545% da região Norte brasileiro e 0,0701% do território brasileiro. Desse total 12,4235 km² estão em perímetro urbano.

O município é conhecido principalmente por sediar o Festival Folclórico de Parintins, uma das maiores manifestações culturais preservadas da América Latina. Localiza-se à margem direita do rio Amazonas. Por ser uma cidade turística, ela recebe turistas de varias partes do mundo, e pessoas de varias partes do Brasil que vêm para fixar residência na cidade. Essas pessoas de outros lugares entram em contato com a cultura e a linguagem local. Estabelecendo assim um contato linguístico com a linguagem local que tem suas características próprias e com isso surgem ocorrências de formas, e por meio desse processo se dá a variação linguística.

Não se pode esquecer a importância dos ameríndios no quesito contribuição étnica. Foram os ameríndios que iniciaram a ocupação humana na Amazônia e seus descendentes caboclos desenvolveram-se em contato íntimo com o meio ambiente, adaptando-se às peculiaridades regionais e oportunidades oferecidas pela floresta. A cidade é o resultado da miscigenação das três etnias básicas que compõem a população brasileira: o índio, o europeu

e o negro, formando assim, os mestiços da região (caboclos) Mais tarde, com a chegada dos imigrantes, especialmente japoneses, formou-se um caldo de cultura singular, que caracteriza a população da cidade, seus valores e modo de vida.

O município de Parintins, como quase todos os demais municípios brasileiros, foi primitivamente habitado por indígenas. Então muitas famílias de etnias diferentes ainda moram na cidade e algumas ainda conservam expressões e palavras. A fundação da localidade só foi realizada em 1796, por José Pedro Cordovil, que veio com seus escravos e agregados para se dedicar a cidade, Parintins é uma cidade marcada pelos traços culturais, políticos e econômicos herdados dos portugueses, espanhóis, italianos e também dos japoneses, tendo em vista que a cidade possuiu uma relevante colônia destes imigrantes.

As formas que não são locais são usadas pelos Parintinense, mas não consideradas como locais assim acontecem o processo de variação linguística que é influenciada tanto por fatores sociais como linguísticos, promovendo uma diversidade linguística local para a cidade e aumentando o repertório dos parintinenses. Pessoas que moram em comunidades que ficam ao redor da cidade tem um sotaque, dicção, tonicidade diferente das pessoas que residem na cidade, e quando os ruralistas vêm fazer suas compras na cidade estabelecem contato dentro linguagem local, introduzindo as formas rurais com as formas urbanas, criando assim na linguagem uma variação.

Na cidade tem vários modos e formas de falares. Não só na cidade, mas também no estado, que tem indígenas, caboclos, ribeirinhos e citadinos com varias profissões e níveis de escolaridades, ou seja, só na Amazonas existe uma grande variedade indígena por indígenas. Assim temos o pescador, caçador e seringueiro. E o caboclo que mora na cidade e que dentro do município, conserva suas raízes caboclas. A linguagem reflete na cultura e suas formas de expressão, por exemplo, nas toadas de boi-bumbá no festival folclórico da cidade, vemos muito da linguagem e suas características expressadas. Segundo Ferreira:

No caso da Amazônia, que possui uma cultura oral a linguagem oral torna-se o instrumento de transmissão da cultura para as demais gerações. Sabemos que a língua tem sua função comunicativa. Mas, vamos mais além e veremos a língua como um instrumento de luta que o homem usa no seu dia-a-dia. Com a língua expressamos sentimentos, emoções, emitimos valores de juízo e, em termos linguísticos, usamos a linguagem de maneira criativa para nos comunicarmos (FERREIRA. 2013. pág.; 07).

A linguagem de cada indivíduo na sua posição define sua identidade e tem uma importância social da linguagem, da variação dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores e nos grupos apresentam comportamento igual. A língua é um instrumento de comunicação que permite ao homem construir sua história por meio da linguagem expressando por meio dela sua identidade.

A variação se dá justamente por meio da introdução de novas formas que marcam a linguagem local da cidade onde não tem um único modo de falar. Diferentes modos de falar são introduzidos no seio da comunidade Parintinense através de ruralistas que vem do interior do Amazonas e se instalam na cidade entrando em contato com as pessoas da zona urbana que por sua vez tem o modo diferente de falar, por consequência as formas são colocadas na comunidade que acaba aceitando, modificando e mesclando as formas e assim criando novas formas com traços distintos.

CAPITULO II: A PALATIZAÇÃO NO BRASIL

IMAGENS PRELIMINARES DA REALIZAÇÃO VARIÁVEL DE /l/ PRÉVOCÁLICO NO ESTADO DO PARÁ

O artigo trata da realização variável da lateral alveolar /l/ diante de [ij] por meio de 32 falas de paraenses coletadas pela equipe de pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil em sete cidades do estado do Pará, entre elas: Belém, Altamira, Almerim, Jacareacanga e Marabá. Para delimitar as formas analisadas escolheram-se sete palavras que são elas: liquidação, liquidificador, sandália, família, película, aliança e limpar. Inicialmente foram transcritos os dados e em seguida foram selecionado o contexto em que ocorria a variável que estava sendo estudada e depois foi realizado uma triagem pertinentemente dos contextos.

As formas sandália e família na posição final na palavra apresentaram alta frequência de palatização na cidade de Bragança, Soure e Belém e os mais jovens palatizam mais que os falantes da faixa etária de 50 á 65 anos. Os condicionadores linguísticos determinam e influenciam para que o fenômeno ocorra definitivamente na fala paraense. A orientação teorico-metodologica da pesquisa esta de acordo com a sociolinguística variacionista e a geolinguística.

Restaram 122 dados para serem avaliados e as palavras que integraram o corpus desta pesquisa foram: liquidação, liquidificador, sandália, família, película, aliança e limpar. Os dados avaliados resultaram da seleção das respostas ao questionário fonético-fonológico. Ocorreram onze casos de não palatalização, ou seja, de lateral alveolar [l]. Essa realização ocorreu nas formas: liquidação, liquidificador e película. Houve 91% de aplicação da palatalização (P) diante de [i] e 9% de ocorrência da lateral alveolar.

São apresentados resultados referentes aos grupos de fatores linguísticos, no caso o contexto imediatamente seguinte à variável foram que os fatores estabelecidos apresentaram resultados bem distantes. Diante de vogal ocorreu 91% de palatalização. Diante de [j] houve efeito categórico, sempre ocorreu palatalização. Ocorreram apenas 9% de lateral alveolar /l/ diante de vogal [i], especificamente nas palavras liquidação, liquidificador e película.

Sobre a vogal da sílaba precedente os contextos precedentes avaliados foram: [i], [a] e [e] diante dos dois primeiros contextos houve aplicação categórica da palatalização. Como essa aplicação foi diante de dois contextos bem diferentes, não se pode dizer que [i] em contexto precedente estaria, como em contexto seguinte, favorecendo a palatalização. Esses

resultados evidenciam que, ao contrário do que inicialmente parece, praticamente não importa o contexto que precede a variável em estudo, seja ele qual for à regra se aplica.

Enquanto a posição na palavra a posição inicial apresentou alta frequência de palatalização, 82%. A posição medial recebeu 67%, mas como obteve apenas três dados esses resultados deverão ser reanalisados. A posição final foi a que mais favoreceu a aplicação da regra, 100%. A posição final é das formas sandália e família, a posição inicial correspondem formas como liquidação e liquidificador.

Sobre contexto consonantal seguinte o contexto [k] foi o que mais favoreceu P, com 81% de aplicação. Os demais contextos [s] e [p] apresentaram 1 dado cada. Mas sobre o contexto precedente de vogal favoreceu mais P do que o fator silêncio. Depois de vogal obteve-se 99% de P e depois de silêncio 81%. As palavras que apresentam contexto altamente favorecedor de P, como família, sandália [i j], arrolados no fator vogal deste grupo de fatores tenha inflacionado o contexto vogal.

Contexto consonantal precedente revelou que esse grupo contou com apenas 66 dados. E obteve-se 100% para [m] e 100% [d]. O contexto [p] também apresentou 100% de palatalização, Considerando-se que [m] e [d] são contextos precedentes de /l/ em família e sandália, é possível inferir que a aplicação de /l/ esteja mais ligada à atuação do contexto imediatamente seguinte à variável.

Da dimensão do vocábulo os polissílabos correspondem às formas: liquidificador e liquidação. Apresentaram 82%, índice muito próximo do obtido para a palatalização diante de [i], contexto seguinte presente nessas duas palavras. Já trissílabo, que corresponde à sandália e família, apresenta índice categórico, o que era esperado, pois tem como contexto fonético seguinte [j], segmento altamente favorecedor de P. Dissílabo apresentou apenas 1 dado.

Em relação à posição do acento pretônica inicial recebeu 82%. Já a postônica final recebeu 100%. A postônica final corresponde a vocábulos que apresentam o contexto altamente favorecedor de P e a pretônica inicial corresponde a palavras que têm como contexto imediatamente seguinte à variável [i].

A faixa etária, escolaridade e sexo dos informantes mostraram nos resultados que Os mais jovens palatalizam mais do que os falantes da segunda faixa-etária, 95% contra 87%. Para a escolaridade se tem índices próximos do efeito categórico para os dois níveis de ensino, 100% para fundamental e 94% para superior. Os homens obtiveram 87%; as mulheres 95%. As mulheres preferem a palatalização à variante alveolar. Em relação à localidade, pois Belém e as cidades que se localizam próximo dela apresentaram índices mais altos de

palatalização: 97% para Belém, 100% para Soure e Bragança. Já as localidades situadas mais distantes da capital e mais ao sul apresentaram índices inferiores: Almeirim 80%, Altamira 87%, Jacareacanga 88%, Marabá 81%. Almeirim foi à localidade que apresentou maior frequência da variante alveolar, 20%. Isso talvez se deva ao seu alto índice de migração, à presença de nordestinos e sulistas na cidade.

Os resultados apontaram em caráter preliminar alta frequência de palatização de /l/ diante dos fatores linguísticos e sociais avaliados. Porque o fenômeno da palatização se manifesta de forma menos produtiva nas áreas sul e sudeste do estado por essas localidades apresentarem histórico de migração de pessoas de todas as regiões do Brasil principalmente do Nordeste e do Sul do país. Conclui-se que a palatização está em um estágio avançado no falar paraense seu condicionador linguístico principal é o contexto.

PALATALIZAÇÃO DAS PLOSIVAS ALVEOLARES EM FLORES DA CUNHA (RS): VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS

No artigo trata da realização da palatização variável das plosivas alveolares /t/ e /d/ no português de Flores da Cunha, município pequeno de base italiana localizado no Rio Grande do Sul do Brasil através de 48 dados coletados e analisados. Objetiva-se verificar a proporção total de aplicação da regra nesse município.

A palatização das plosivas alveolares em Flores da Cunha é moderada. A análise de orientação metodológica da regra variável laboviana foi aplicada a 48 dados de entrevistas e revelou uma proporção de 29% de palatização no município. As evidências mostraram que o fenômeno se dá tanto por fatores linguísticos e sociais.

Os jovens são os que mais realizam a palatização das plosivas alveolares realizando praticas inovadoras ao lado de praticas tradicionais. Assim eles introduzem as formas no seio da comunidade que as percebe como não locais. Como prática social, a pesquisa revelou que o estudo de rede social revelou que os informantes de grupos etários mais velhos refreiam a palatização.

Nos dois municípios de Rio Grande do Sul como Antônio Prado o fenômeno chega a 30% e em Caxias do Sul também, mas é um processo que tende a progredir na segunda cidade segundo Battisti:

Foram 23.163 os contextos de palatização levantados das entrevistas sociolinguísticas e consideradas na análise de regra variável. A proporção total de aplicação

da regra variável foi de 29%, índice moderado e próximo ao de outros municípios da região, como Antônio Prado (BATTIST et al. 2007), com 30%, e Caxias do Sul (MATTÉ,2009), COM 35% (BATTISTI; DORNELLES FILHO. 2012, pg;1.129)

Por esses fatos revelou-se que o primeiro grupo de fatores selecionado para a análise dos dados de Flores da Cunha é social e indica variação com mudança em progresso. Só que os falantes mais jovens condicionam a palatização, mas também que há tendência de o processo se aplicar e progredir com eles. Mas Matté (2009) verificou e constatou que para Caxias do Sul o que Battist (2007) verificou em Antônio Prado onde a palatização está em uma taxa de 30%, mas em que há sinais de estabilização do processo em índices modestos. Já em Porto Alegre a palatização supera os 90%.

Logo o processo de palatização em Flores da Cunha é favorecido por vogal alta fonológica /i/ e redução de /e/ átono, ou seja, a tendência de a vogal alta fonológica condicionar a palatização e de a vogal alta fonética inibir o processo. Já a consoante desvozeada /t/ também condiciona a palatização e ficou com um percentual de 36% e a consoante vozeada /d/ ficou com índices mais baixos de 23% no processo de palatização. Há, portanto uma semelhança na articulação da consoante desvozeada /t/ que aproxima do processo de palatização, explicando seu papel favorecedor. Na análise de rede social dos informantes abordara as praticas sociais de jovens urbanos com a palatização, e verificou-se que os relacionamentos em rede tem efeito sobre o comportamento linguístico, por sujeitos palatizadores relacionam-se com sujeitos palatizadores e vice-versa.

A autora considera a palatalização em uma região de colônia italiana no Rio Grande do Sul. A autora apresenta uma análise que assume pressupostos sociolinguísticos a qual indica que a palatalização é um fenômeno inovador do qual os falantes têm consciência e avaliam como sendo externo à comunidade. Como em vários dos estudos de caso descritos anteriormente, os resultados de Battisti indicam que são os falantes mais jovens que apresentam maiores índices de africadas como característica inovadora na comunidade em questão.

Conclui-se através da análise da regra variável da palatização das plosivas alveolares em Flores da Cunha e se permite afirmar que o processo é condicionado pelos jovens, por vogal alta fonológica, por habitantes da zona urbana do município e por consoante alvo desvozeada.

A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM CAPITAIS BRASILEIRAS, COM BASE EM DADOS DO ALiB: O CASO DE *ESTILINGUE* E *PROSTITUTA*

A palatização do /S/ em coda silábica a partir dos dados do ALiB referentes a 25 capitais que verificou de que forma o contexto fonológico subsequente /t +i/ infere no comportamento. Observou-se que mesmo em contexto seguinte no processo de palatização no grupo de capitais do Brasil caracterizadas pela predominância de alveolares como é o caso de: Belo Horizonte, Campo Grande, Curitiba, Goiânia, São Paulo e Vitória, a palatização do /S/ é favorecido pela presença das variantes desvozeadas palatizadas no contexto seguinte. Revelou-se também em contrapartida que a variante dentoalveolar /t/ nessas capitais apresentaram baixo índice de 13% não favorecendo a regra de palatização. Pesquisando através dos vocábulos *estilingue* e *prostituta* os dados da pesquisa apresentaram ocorrências de 87% de palatização nas formas pelos usuários da língua.

Foram analisados 199 dados do ALiB, oito em cada localidade, considerando as 25 capitais da rede de pontos do projeto. As ocorrências foram tiradas das respostas válidas dos informantes e duas questões do questionário Semântico-Lexical. A orientação teórico metodológica do artigo esta de acordo com a Sociolinguística Quantitativa e a Dialectologia Pluridimensional Contemporânea. Os informantes foram classificados em gênero/sexo, idade de 18-30 e 50-65 anos e nível escolar do fundamental incompleto e superior completo.

A importância do contexto fonético influencia a ocorrência da palatização, assim apontam vários pesquisadores como Cristóvão Silva em 2008 mostra que o processo de palatização das oclusivas /t/ e /d/ em Belo Horizonte quando o /s/ ortográfico é seguida de uma fricativa, como na palavra *castiga* evidenciou-se que ocorre a palatização do /s/ ortográfico. Assim também a presença contextual da consoante /t/ favorece a palatização em Sergipe que atinge o percentual de 94% dos dados analisados. Então vários trabalhos mostram que a palatização do /S/ tende a ser favorecida pela presença do contexto /t+i/ com variantes desvozeadas palatizadas ou com dentoalveolar [t] enquanto contexto seguinte. A seguir um quadro no qual se registra a distribuição da palatização e da ocorrência de variantes.

CAPITAIS	PROSTITUT.	PROSTITUTA	ESTILINGUE	ESTILINGUE
	PALATAL	ALVEOLAR	PALATAL	ALVEOLAR
Salvador	X	-	X	-
Recife	X	X	X	-

Aracajú	X	X	X	-
Maceió	X	X	X	-
João Pessoa	X	X	X	-
Teresina	X	X	X	X
Natal	X	-	X	X
São Luís	X	-	X	-
Fortaleza	X	-	X	-
Boa Vista	X	-	X	-
Porto Velho	X	-	X	-
Manaus	X	-	X	-
Macapá	X	-	X	-
Belém	X	-	X	X
Rio Branco	X	-	X	-
Goiânia	X	X	X	X
Cuiabá	X	X	X	X
Campo Grande	X	-	X	X
Curitiba	X	X	X	X
Florianópolis	X	-	X	X
Porto Alegre	-	X	X	-
Rio de Janeiro	X	-	X	-
Vitória	X	X	X	X
Belo Horizonte	X	-	X	X
São Paulo	X	X	X	X

Quadro 1: Distribuição por localidades das variantes alveolar e palatal, nos vocábulos prostituta e estilingue.

Em 25 capitais nota-se a presença do contexto /t+i/, nos vocábulos estilingue e prostituta seguinte ao S favorece a palatização com maiores índices de ocorrências nas capitais de Campo Grande, Goiânia, São Paulo, Vitória, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre. Já nas capitais que apresentaram baixo índice de palatização foram elas: São Luiz, Fortaleza, João Pessoa, Maceió e Teresina. Conclui-se que a inferência do contexto /t+i/ determina o processo de palatização de maneira generalizada da consoante fricativa surda [s] como se observou nos vocábulos estilingue e prostituta nas 25 capitais do país.

UM OLHAR SOBRE A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS NO VERNÁCULO PESSOENSE

Os falantes de João Pessoa é um município brasileiro, capital e principal centro financeiro e econômico do estado da Paraíba. Com população estimada em 2017 de 811.598

habitantes. O fenômeno de palatalização foi investigada e inicialmente a hipótese dos pesquisadores foi a seguinte, de que os falantes tendem a inibir a palatalização das oclusivas dentais diante da vogal alta, em palavras como: muito e gosto. Mas já era evidente que a palatalização acontece com mais frequência no formato de assimilação progressiva, em que o contexto fonológico anterior exerce influência sobre o seguinte e mostrou-se que está mais presente no dialeto pessoense do que a regressiva.

Os dados analisados na pesquisa foi o do Projeto de Variação Linguística da Paraíba (VALPB), criado e coordenado pelo professor da Universidade Federal da Paraíba Dermeval da Hora em 2005. Este corpus é composto por cerca de 60 horas de gravações com falantes da comunidade linguística de João Pessoa. Para esse estudo, foram selecionadas 36 entrevistas, de acordo com a regra variável de Labov.

A seleção das entrevistas foi feita de forma aleatória, sendo observados como requisito os falantes serem naturais da cidade de João Pessoa ou morarem desde os cinco anos de idade e nunca terem saído por mais de dois anos da cidade. Sendo estratificado em sexo masculino e feminino; faixa etária de 15-52 e 26-49 e mais de 49 anos; já o fator escolaridade 5-8 a 11 anos de escolarização.

Foram realizadas duas análises da palatalização em contextos anteriores a [i,y] (e.g. pote, bode) e em contextos não anteriores a [i,y] (e.g. gosto, muito) separadamente, mas as variáveis usadas em ambos foram praticamente as mesmas. Indicou-se como variável dependente o próprio fenômeno da palatalização, podendo ser detectada a pronúncia como dental ou alveolar, ou como africada [t] ou [d]. Quanto as variáveis independentes, elas foram divididas em dois grupos: as variáveis sociais e as variáveis linguísticas.

As variáveis sociais utilizadas foram sexo (masculino e feminino), anos de escolarização (nenhum ano, de 5 a 8 anos e mais de 11 anos) e faixa etária (de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e mais de 49 anos). Quanto as variáveis linguísticas, foram analisados: contexto fonológico precedente (consoante coronal palatal, vogais ou consoantes nasais, glide em coda precedente e silêncio ou pausa), tonicidade (tônica, pretônica, postônica e monossílabo átono), número de sílabas (monossílabo, dissílabo e trissílabo ou polissílabo), categoria gramatical (substantivo, adjetivo, verbo, preposição e outros), tipo de consoante (oclusiva dental surda e sonora) e estilo (casual e formal).

Os dados foram analisados e processados com o auxílio do programa computacional Goldvarb 3.0 que é um aplicativo da Macintosh que executa análises de regras variáveis e manipula os dados possibilitando um tratamento estatístico eficiente da ocorrência do

fenômeno e a influência de cada uma das variáveis nesse processo. Uma amostragem de um total de 2.337 contextos de ocorrência realizada nas entrevistas de 36 informantes da cidade de João Pessoa. Deste total, 2.088 contextos foram antes da vogal anterior alta (glide), sendo os outros 249 contextos não anteriores a [i] ou [y].

Dos 2.088 contextos anteriores à vogal alta [i] ou glide [y] analisados somente 114 favoreceram a regra da palatalização, de acordo com o fator sexo os resultados mostraram que as mulheres são as que mais favorecem a variante palatal apresentando um peso relativo de 0,542. Os homens ficaram em segundo plano, apresentando um peso relativo de 0,459 de palatização. Subintende-se através dos dados submetidos e analisados pelo programa computacional que em relação ao sexo as mulheres palatizam mais que os homens na comunidade de João Pessoa. Quanto ao fator de escolarização dos informantes, o resultado foi que os falantes com nenhum ano de escolarização se mostraram favorecedores da variante palatal com um peso relativo de 0,586, apesar da frequência de aplicação ser de apenas 2,8%. Já os falantes com 5 a 8 anos de escolarização inibem esta variante com um peso relativo à 0,437, já os falantes com mais de 11 anos de escolarização apresentaram um resultado neutro com peso relativo de 0,492.

Quanto ao fator faixa-etária percebemos que os falantes entre 15 e 25 anos se mostram como inibidores à regra, com peso relativo 0,410. Já os contextos 26 a 49 anos e mais de 49 anos mostram-se mais favorecedores, apresentando, respectivamente, pesos de 0,555 e 0,552.

Uma das variedades linguísticas que se destacaram neste artigo foi o contexto fonológico precedente, ele mostrou grau de influência da coronal palatal e do glide em coda para a aplicação da regra de palatalização. Mas apresentou um peso relativo baixo, a frequência de palatalização nesse contexto pós-coronal é bastante alta, chegando a 56,4% de aplicação. As vogais líquidas vem em segundo plano em termos de porcentagem, assim como seu peso relativo, 0,550, indicando esse contexto como favorecedor à regra. O glide em coda precedente e o silêncio ou pausa também são apontados como favorecedores, apresentando, respectivamente, pesos de 0,526 e 0,554.

Aos contextos não anteriores à vogal alta [i] ou glide [y], do total dos 249 contextos analisados, somente 114 favoreceram a regra da palatalização, perfazendo um percentual de 10,48% do total. Quanto ao fator social sexo foi observado valores próximos ao ponto neutro, mas são os homens que apresentaram a maior frequência de aplicação (25,0%) e o maior peso

relativo (0.518), enquanto que as mulheres apresentam uma frequência de 22,0% e um peso relativo de 0.459, revelando-se inibidoras da regra.

Quanto ao fator anos de escolarização foi observado o contexto mais de 11 anos como maior favorecedor à regra, com peso relativo de 0.645, apesar de apresentar uma baixa frequência de aplicação (13,8%). Os contextos nenhum ano e de 5 a 8 anos, apesar de apresentarem altas frequências de aplicação (25% e 29,4%) foram apontadas como inibidoras com peso relativo de 0.465 para nenhum ano e 0.411 para de 5 a 8 anos.

A faixa etária se apresenta de forma muito parecida com o fator anos de escolarização. O contexto mais de 49 anos é o mais favorável, com peso relativo de 0.635 e frequência de aplicação de 30,9%. O contexto 15 a 25 anos se encontra próximo ao ponto neutro, com peso de 0.498 e frequência de 30,1%. Já o contexto 26 a 49 anos, apesar de apresentar uma alta frequência de aplicação (39,0%), apresenta um peso relativo que o enquadra como inibidor do processo (0.394).

Afinal o artigo começou com a análise feita em contextos anteriores à vogal alta ou glide, ao analisado os contextos sociais perceberam que os valores observados não eram suficientes para elucidar as questões de prestígio das variantes selecionadas. A regra de assimilação não era produtiva na fala de pessoas com mais de 11 anos de escolarização, o não quer dizer que a variante palatalizada não é prestigiada, já as mulheres geralmente optam pela variante prestigiada, aplicam mais a regra da palatalização do que os homens na comunidade pessoense. Quanto aos contextos linguísticos, pode-se dizer que o mais significativo é o que diz respeito ao contexto fonológico precedente, que aponta a coronal como um forte favorecedor à regra.

Já na análise feita em contextos não anteriores revelou-se que a vogal alta ou glide, tinha resultados mais significativos. Nos contextos sociais, pode-se observar que a variante palatalizada é mais utilizada pelos homens, por pessoas com mais de 49 anos e que tem 5 a 8 anos de escolarização. A partir desse quadro subintende-se que a variante palatal, nesse contexto, possui um caráter mais conservador, não apontando para nenhum indício de prestígio. Quanto aos contextos linguísticos, os mais chamam atenção é o contexto fonológico precedente, que apontam a coronal e o glide como favorecedores a variante palatal. Podemos concluir que a variante palatal, não anterior à vogal alta ou glide, não tem tanto prestígio quanto em contextos anteriores à vogal alta ou glide.

O FENÔMENO PALATIZAÇÃO EM LOCALIDADES RURAL E URBANA DA REGIÃO DO PARAGUAÇU – BAHIA

O artigo aborda e investiga o fenômeno de palatização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ na cidade de Feira de Santana é um município brasileiro do Estado da Bahia situado a 108 quilômetros de sua capital, Salvador, a qual se liga através da BR-324. Feira de Santana, como é apelidada, é a segunda cidade mais populosa do estado e primeira cidade do interior nordestino em população. Em comparação com os resultados de pesquisa anterior (de mesmo tema) realizada em Matinha. O estudo é baseado nos resultados da análise das variáveis linguísticas e foi possível perceber que a maior tendência do fonema /t/ à assimilação do segmento palatal, comparado ao fonema /d/ e se confirmou na fala feirense, além disso, os resultados apontaram para uma regra variável em processo de expansão já bastante aplicada no vernáculo feirense.

O corpus do estudo foi composto de doze entrevistas com informantes nascidos no município de Feira de Santana. As gravações foram realizadas por duas pesquisadoras membros do projeto. Os informantes são ao todo doze, divididos em seis do sexo masculino e seis do sexo feminino, distribuídos em três faixas etárias de 15-29; 30-45; 46-60 anos. Eles são todos de classe baixa e que tiveram pouco ou nenhum contato com o ambiente escolar. Esses foram os requisitos para eles participarem da pesquisa.

Foram coletados 704 dados e foram submetidos à análise do programa computacional Goldvarb que gerou tabelas com estatísticas em números que possibilitaram a análise quantitativa. O programa selecionou como relevantes as variáveis: segmento anterior, tipo de fonema, sexo e faixa etária. O estudo da variável consiste na observação do contexto precedente ao aparecimento dos segmentos [tʃi], [dʒi] nos dados recolhidos. Observou-se como relevantes a ocorrência de cinco fatores em posição anterior: as vogais, os ditongos crescentes e decrescentes, as consoantes e o ambiente vazio.

Revelou-se que os ditongos decrescentes com obtiveram 88% e 8 ocorrências e ditongos crescentes apresentaram 86% e 14 ocorrências, apesar de figurarem pouco na amostra representaram o maior percentual de segmentos palatizados, seguidos das consoantes, vogais e contexto livre. As hipóteses eram de que o fonema /t/ seja mais viável ao processo de palatização em comparação com o fonema /d/, e foi confirmada na fala feirense. Para essa confirmação se apresentar em números foram 270 ocorrências para o fonema /t/ e o resultado foi de 73% de palatização e 27% para não palatizadas. Para o fonema /d/ foram 434 ocorrências, os resultados mostraram que foi 47% palatizadas e 53% não palatizadas.

De acordo com o estudo da Sociolinguística variacionista da teoria de Labov o artigo fez um levantamento de outras pesquisas que fizeram o mesmo estudo no local, mas de outros pesquisadores constataram de acordo com o sexo as mulheres de Feira de Santana palatizam mais que os homens como mostram os dados:

SEXO	PALATIZADAS	N-PALATIZADAS	OCORRÊNCIAS
FEMININO	60%	40%	426
MASCULINO	53%	47%	278

Tabela 1-Sexo-Zona Urbana (Feira de Santana)

Este fator foi observado na fala dos moradores da Matinha (zona Rural) Matinha é um distrito do município baiano de Feira de Santana e revelou-se uma diferença maior com relação às falantes do sexo feminino de Feira de Santana. Isso pode ser explicado pelo fato de que a cidade (zona urbana) que oferece melhores condições de trabalho e inclusão social do que a área rural e assim, seus falantes dispõem de maior contato e interesse no uso da variante culta da língua. E o que se pode ver através de termos percentuais no quadro abaixo:

SEXO	PALATIZADAS	N-PALATIZADAS	OCORRÊNCIAS
FEMININO	25%	75%	379
MASCULINO	22%	78%	357

Tabela 2 – Sexo- Zona Rural (Matinha)

Da faixa etária dos informantes na fala de Feira de Santana, o resultado encontrado é semelhante ao de Matinha. A faixa etária de 15-29 anos, correspondente aos mais jovens, que utilizam a palatização em 73% das ocorrências, quase o dobro da porcentagem encontrada para faixa etária de 49-60 anos, que são os mais idosos. Na outra comunidade, apesar de a ocorrência da palatização ter sido menor em termos percentuais, a faixa etária de 15-29 anos palatiza três vezes mais do que os idosos de 49-60 anos. Outro dado interessante é que os informantes feirenses da faixa etária 30-45 anos apresentaram uma taxa relevante de uso da variante palatal. Como mostra a tabela abaixo:

FAIXA ETÁRIA	PALATIZADAS	OCORRÊNCIAS
15-29	73%	172
30-45	67%	311
49-60	37%	221

Tabela- Faixa Etária

Então é possível perceber que a maior tendência do processo de palatalização na fala dos informantes de faixa etária de 30-45 anos que não possuem fator escolaridade completo, ou seja, tiveram pouco acesso a escola. Subentende-se que a maior tendência do fonema /t/ à assimilação do segmento palatal, comparado ao fonema /d/ que é evidente na fala dos moradores de Feira de Santana. Já na fala dos moradores da zona rural de Feira de Santana que é chamada de Matinha o resultado é de maior número de ocorrências da palatalização em vocábulos cujo contexto anterior ao segmento pesquisado foi o ditongo decrescente. Quanto as variantes sociais é possível afirmar que os falantes do sexo feminino os e os mais jovens estão conduzindo o processo de palatalização na comunidade.

O QUE HÁ EM COMUM ENTRE OS TRABALHOS

A palatalização está em estágio avançado no falar do português brasileiro, os resultados referentes à frequência da palatalização não corroboram os resultados apresentados no ALiB, mas vão ao encontro ao que dizem esse atlas. No primeiro artigo aborda a área norte do país, onde revela-se como fator principal desse processo de palatalização o condicionador linguístico que é o contexto seguinte e evidencia-se um fenômeno de palatalização do domínio da sílaba.

O fator linguístico que influencia o fenômeno de palatalização no primeiro artigo foi análise da vogal que mostrou ocorrência de 91% de palatalização, já diante de [j] houve um resultado de efeito categórico. Então constatou-se que sempre ocorreu palatalização. Ocorreram apenas 9% de lateral alveolar /l/ diante de vogal [i], nas palavras liquidação, liquidificador e película. Sobre a vogal da sílaba precedente os contextos precedentes avaliados foram: [i], [a] e [e] diante dos dois primeiros contextos e mostrou que houve aplicação categórica da palatalização para os três contextos.

Outro fator linguístico na palavra em posição inicial apresentou alta frequência de palatalização de 82%. A posição medial recebeu 67%. A posição final foi a que mais favoreceu a aplicação da regra, 100%. A posição final correspondem às formas: sandália e família.

O contexto consonantal seguinte [k] foi o que mais favoreceu P, com 81% de aplicação. Os demais contextos [s] e [p] apresentaram poucos dados. Mas sobre o contexto precedente de vogal favoreceu mais P do que o fator silêncio. Depois de vogal obteve-se 99% de P e depois de silêncio 81%. As palavras que apresentam contexto altamente favorecedor de

P, como família, sandália [i j], arrolados no fator vogal deste grupo de fatores tenha inflacionado o contexto vogal.

Contexto consonantal precedente revelou que esse grupo contou com apenas 66 dados. E obteve-se 100% para [m] e 100% [d]. O contexto [p] também apresentou 100% de palatalização, Considerando-se que [m] e [d] são contextos precedentes de /l/ em família e sandália. Do vocábulo os polissílabos correspondem às formas: liquidificador e liquidação. Apresentaram 82% para a palatalização diante de [i], contexto seguinte presente nessas duas palavras. Já trissílabo, que corresponde à sandália e família, apresenta índice categórico, pois tem como contexto fonético seguinte [j], segmento altamente favorecedor de P.

A posição do acento pretônica inicial recebeu 82%. Já a postônica final recebeu 100%. Esse resultado era esperado, pois a postônica final corresponde a vocábulos que apresentam o contexto altamente favorecedor de P e a pretônica inicial corresponde a palavras que têm como contexto imediatamente seguinte à variável [i].

A faixa etária, escolaridade e sexo dos informantes mostraram nos resultados que Os mais jovens palatalizam mais do que os falantes da segunda faixa-etária, 95% contra 87%. Para a escolaridade se tem índices próximos do efeito categórico para os dois níveis de ensino, 100% para fundamental e 94% para superior. Os homens obtiveram 87%; as mulheres 95%. As mulheres preferem a palatalização à variante alveolar.

No segundo artigo que aborda a palatização em Flores da Cunha, pequena cidade interiorana de base italiana de Rio Grande do Sul foi pesquisada como se dá o processo de palatização das plosiva alveolar e os dados revelaram que para o fenômeno se originar o principal fator é o condicionador linguístico e social dos informantes que mostraram 29% e a palatização progride na comunidade inicialmente pelos jovens através da realização da vogal alta fonológica /i/, habitantes da zona urbana e consoante alvo desvozeada /t/ favorecem a palatização. Já na capital Porto Alegre o fenômeno mostrou-se em alta frequência com índices a mais de 90%. Mas em Flores da Cunha, como em Caxias do Sul o emprego das formas palatizadas é valorado como não local e é relativamente prestigiado.

No terceiro artigo o fator linguístico está na variação fonética de /S/. A palatização do /S/ é registrada e favorecida pela presença de /t+i/ enquanto contexto fônico seguinte e há uma importância desse contexto no processo de palatização do /s/ em coda silábica. Assim para os vocábulos estilingue e prostituta, foi possível observar a realização majoritária da variante palatal do /s/ em coda silábica.

A presença contextual da consoante /t/ favorece a palatização em Sergipe que atinge o percentual de 94% dos dados analisados. O processo de palatização das oclusivas /t/ e /d/ em Belo Horizonte quando o /s/ ortográfico é seguida de uma fricativa, como na palavra *castiga* evidenciou-se que ocorre a palatização do /s/ ortográfico.

Vários trabalhos mostraram que a palatização do /S/ tende a ser favorecida pela presença do contexto /t+i/ com variantes desvozeadas palatizadas ou com dentoalveolar [t] enquanto contexto seguinte. Em 25 capitais nota-se a presença do contexto /t+i/, nos vocábulos *estilingue* e *prostituta* seguinte ao /S/ favorece a palatização com maiores índices de ocorrências nas capitais brasileiras pesquisadas. A inferência do contexto /t+i/ determina o processo de palatização de maneira generalizada da consoante fricativa surda [s].

No quarto artigo o fator linguístico que determina o fenômeno de palatização foi investigado e conclui-se que os falantes tendem a inibir a palatalização das oclusivas dentais diante da vogal alta, em palavras como *muito* e *gosto*. Mas já era evidente que a palatalização acontece com mais frequência no formato de assimilação progressiva, em que o contexto fonológico anterior exerce influência sobre o seguinte e mostrou-se que está mais presente no dialeto pessoense do que a regressiva.

No quinto artigo foram feitas duas análises da palatalização, a primeira em contextos anteriores a [i,y] (e.g. *pote*, *bode*) e a segunda em contextos não anteriores a [i,y] (e.g. *gosto*, *muito*) separadamente, mas as variáveis usadas em ambos foram praticamente as mesmas. Foram levantados 2.088 contextos anteriores à vogal alta [i] ou glide [y] analisados, destes somente 114 favoreceram a regra da palatalização. De acordo com o fator social sexo os resultados mostraram que as mulheres são as que mais favorecem a variante palatal apresentando um peso relativo de 0,542, já os homens ficaram em segundo plano, apresentando um peso relativo de 0.459 de fenômeno de palatização.

Subintende-se através dos dados submetidos e analisados pelo programa computacional que em relação ao fator social sexo as mulheres palatizam mais que os homens na comunidade de João Pessoa. Quanto ao fator de escolarização dos informantes, o resultado foi que os falantes com nenhum ano de escolarização se mostraram favorecedores da variante palatal com um peso relativo de 0.586. Já os falantes com 5 a 8 anos de escolarização inibem esta variante com um peso relativo à 0.437, e os falantes com mais de 11 anos de escolarização apresentaram um resultado neutro com peso relativo de 0.492. Quanto ao fator faixa-etária perceberam que os falantes entre 15 e 25 anos se mostram como inibidores à

regra, com peso relativo 0.410. Já os fatores idade de 26 a 49 anos e mais de 49 anos mostraram-se mais favorecedores, apresentando, em media, pesos de 0.555 e 0.552.

Já os contextos não anteriores à vogal alta [i] ou glide [y], do total dos 249 contextos analisados, somente 114 favoreceram a regra da palatalização, perfazendo um percentual de 10,48% do total. Quanto ao fator social sexo foi observado valores próximos ao ponto neutro, mas são os homens que apresentaram a maior frequência de aplicação (25,0%) e o maior peso relativo (0.518), enquanto que as mulheres apresentam uma frequência de 22,0% e um peso relativo de 0.459, revelando-se inibidoras da regra.

Quanto ao fator anos de escolarização é observado o contexto mais de 11 anos como maior favorecedor à regra, com peso relativo de 0.645, apesar de apresentar uma baixa frequência de aplicação (13,8%). Os contextos nenhum ano e de 5 a 8 anos, apresentaram altas frequências de aplicação (25% e 29,4%) e foram apontadas como inibidoras da palatalização com peso relativo de 0.465 para nenhum ano e 0.411 para de 5 a 8 anos.

O fator linguístico fonema /t/ apresentou a assimilação do segmento palatal, comparado ao fonema /d/ e se confirmou na fala feirense, além disso, os resultados apontaram para uma regra variável em processo de crescimento. Ao todo foram coletados 704 dados e submetidos à análise do programa computacional. O programa selecionou como relevantes as variáveis: segmento anterior, tipo de fonema, sexo e faixa etária.

O estudo da variável consiste na observação do contexto precedente ao aparecimento dos segmentos [tʃi], [dʒi] nos dados recolhidos. Observou-se como relevantes a ocorrência de cinco fatores linguísticos em posição anterior: as vogais, os ditongos crescentes e decrescentes, as consoantes e o ambiente vazio.

Revelou-se como fator linguístico que influenciam a palatalização os ditongos decrescentes com obtiveram 88% em 8 ocorrências e ditongos crescentes apresentaram 86% em 14 ocorrências, apesar de figurarem pouco na amostra representaram o maior percentual de segmentos palatalizados, seguidos das consoantes, vogais e contexto livre.

As hipóteses eram de que o fonema /t/ seja mais viável ao processo de palatalização em comparação com o fonema /d/ e foi confirmada na fala feirense. Para essa confirmação se apresentou em números que foram 270 ocorrências para o fonema /t/ e o resultado foi de 73% de palatalização e 27% para não palatalizadas. Para o fonema /d/ foram 434 ocorrências e os resultados mostraram que foram 47% palatalizadas e 53% não palatalizadas.

Este fator linguístico também foi observado na fala dos moradores de Matinha (distrito que fica na zona rural do município baiano de Feira de Santana). Dos informantes na

fala de Feira de Santana, o resultado encontrado é semelhante ao de Matinha. A faixa etária de 15-29 anos, correspondente aos mais jovens, que utilizam a palatização em 73%. Revelou-se que a maior tendência do processo de palatização na fala dos informantes de faixa etária de 30-45 anos que não possuem fator escolaridade completo. Subentende-se que a maior tendência do fonema /t/ à assimilação do segmento palatal, comparado ao fonema /d/ que é evidente na fala dos moradores de Feira de Santana.

Já na fala dos moradores de Matinha o resultado é de maior número de ocorrências da palatização em vocábulos cujo contexto anterior ao segmento pesquisado foi o ditongo decrescente. Quanto os fatores sociais são possíveis afirmar que os falantes do sexo feminino os e os mais jovens estão conduzindo o processo de palatização na comunidade.

A PALATIZAÇÃO É UM FENÔMENO RECORRENTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO? POR QUÊ?

O português falado no Brasil tem características fonético-fonológicas resultantes dos contatos linguísticos ocorridos ao longo da história do país, alguns ainda em andamento. Outros traços variáveis contribuem para essa construção. A palatização é um fenômeno recorrente no PB em várias partes do país, pesquisas mostram isso. É o exemplo dos cinco artigos que busquei e realizei o levantamento bibliográfico para corroborar evidências de que a palatização é um processo em crescimento e processo de expansão no português brasileiro do país.

Por exemplo, é comum se encontrar no Sul e no Sudeste do Pará variantes encontradas nas regiões Sul e Nordeste do Brasil, por essa parte do Pará apresentar histórico de migrações de povos desses lugares do País, assim mesclando as formas, resultando do contato linguístico, envolvendo fatores sociais e geográficos, resultando em processo de transformação nas formas faladas pelos usuários da língua portuguesa do Brasil. Assim acontece em Flores da Cunha região de base ítalo-brasileira onde o fenômeno revelou-se estar em alta frequência pelos jovens que praticam ações inovadoras introduzindo as variantes palatizadas no seio linguístico da comunidade tradicional regida pela cultura ítalo-brasileira.

Como mostra também a pesquisa realizada em 25 capitais brasileiras e nota-se a presença do contexto /t+i/, nos vocábulos estilingue e prostituta seguinte ao /S/ favorecendo a palatização com maiores índices de ocorrências nas capitais brasileiras pesquisadas. A

inferência do contexto /t+i/ determina o processo de palatização de maneira generalizada da consoante fricativa surda [s].

Outra pesquisa que revela que o fenômeno de palatização esta em processo de crescimento no português brasileiro é o estudo realizado na capital João Pessoa mostrou que a palatalização acontece com mais frequência na fala no formato de assimilação progressiva, em que o contexto fonológico anterior exerce influência sobre o seguinte. O resultado da pesquisa foi a seguinte que a palatalização acontece com mais frequência no formato de assimilação progressiva, em que o contexto fonológico anterior exerce influência sobre o seguinte e mostrou-se que está mais presente no dialeto pessoense.

Ainda falando porque a palatização é um fenômeno recorrente no português brasileiro encontrei uma pesquisa realizada no Estado da Bahia, na cidade de Feira de Santana à Matinha que fica localizada na zona rural da cidade, e a pesquisa apontou que o estudo os resultados da análise das variáveis linguísticas foram possíveis perceber que a maior tendência do fonema /t/ à assimilação do segmento palatal, comparado ao fonema /d/ e constataram que de acordo com o sexo as mulheres de Feira de Santana palatizam mais que os homens e observado na fala dos moradores da Matinha e revelou-se uma diferença maior com relação às falantes do sexo feminino de Feira de Santana. Um dado importante em relação à faixa etária dos informantes na fala de Feira de Santana, o resultado encontrado é semelhante ao de Matinha. A faixa etária de 15-29 anos, correspondente aos mais jovens, que utilizam a palatização em 73% das ocorrências.

Subentende-se que a maior tendência do fonema /t/ à assimilação do segmento palatal, comparado ao fonema /d/ que é evidente na fala dos moradores de Feira de Santana. Já na fala dos moradores da zona rural de Feira de Santana que é chamada de Matinha o resultado é de maior número de ocorrências da palatização em vocábulos cujo contexto anterior ao segmento pesquisado foi o ditongo decrescente. Quanto as variantes sociais é possível afirmar que os falantes do sexo feminino os e os mais jovens estão conduzindo o processo de palatização na comunidade. Nessa perspectiva, não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade, pois o indivíduo herda da comunidade o sistema da língua (a variação inclusive). O que define a comunidade de fala são os padrões de uso da língua não o indivíduo a fala individual.

Por exemplo, a realização e os padrões de uso da palatização é uma das características que distinguem a comunidade de falantes de português brasileiro da comunidade de falantes de português europeu. Há várias diferenças entre o português europeu

e o português brasileiro, especialmente no vocabulário, pronúncia e sintaxe, principalmente nas variedades vernáculas e nos textos formais as diferenças também existem, mas são bem menores, mas ainda dentro daquilo a que se convencionou chamar "português brasileiro" e "português europeu" há um grande número de variações regionais.

CONCLUSÃO

Pode-se dizer através do estudo realizado que a palatização de /l/ está em estágio avançado no falar paraense. Revela-se uma variação que não sofre estigma e que está amplamente difundida entre os falantes de ensino superior e entre mulheres. Em Flores da Cunha a palatização variável das plosivas alveolares produz formas diferentes salientes aos florenses, verificou-se que os condicionador linguístico da vogal alta fonológica determina a palatização, já o fator social são os jovens habitantes da zona urbana que são sujeitos cujas praticas sociais de lazer e trabalho misturam elementos locais e não locais, expondo a grupos palatizadores de outras comunidades tornando suas falas a mudanças.

Nas vinte e cinco capitais conclui-se que a respeito do contexto fonológico /t+i/ enquanto contexto subsequente no processo de palatização do /S/ em coda silábica é possível afirmar que a presença do referido contexto interfere de forma considerável na palatização da consoante da fricativa surda [s] como se observou nos vocábulos estilingue e prostituta. Notou-se o fenômeno de maneira generalizada nas vinte e cinco capitais estudadas.

A palatalização das oclusivas dentais diante da vogal alta [i] notou-se que a regra de assimilação não é produtiva na fala de pessoas com mais de 11 anos de escolarização, o que não quer dizer que a variante palatalizada não goza de prestígio, já que as mulheres, que geralmente optam pela variante prestigiada, aplicam mais a regra da palatalização do que os homens na comunidade pessoense. Quantos aos contextos linguísticos pode-se dizer que o mais significativo é o que diz respeito ao contexto fonológico precedente, que aponta a coronal como um forte favorecedor à regra.

E a palatização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ no município de Feira de Santana, pode-se considerar que é possível perceber que a maior frequência do fonema /t/ à assimilação do segmento palatal, comparado ao fonema /d/, e no vernáculo de Matinha registrou-se com maior número de ocorrências da palatização em vocábulos cujo contexto anterior ao segmento estudado foi o ditongo decrescente. Dos resultados das variáveis sociais subintendeu-se que os falantes do sexo feminino e das faixas etárias mais baixas, particularmente os mais jovens, estão conduzindo o processo de palatização na comunidade.

Em termos gerais o processo de palatização no português brasileiro está em processo de crescimento e expansão já bastante aplicada no vernáculo do PB. Empregando segmentos palatizados nas realizações de formas na fala dos usuários da Língua Portuguesa do Brasil. Subintende-se que existem variações de palatização de ordem fonético-fonológicas e que os

condicionadores linguísticos e sociais influenciam e determinam para que essa variação de fenômeno de palatização aconteça na linguagem dos Brasileiros em grande parte do território brasileiro.

As considerações aqui apresentadas são provisórias do fenômeno em estudo e é preciso aumentar o número de pesquisas sobre o assunto, porque, há um número baixo de estudos sobre a palatização no português do Brasil, a fim de avaliar e contribuir de forma mais segura para a construção de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, Elisa. DORNELLES FILHO, Adalberto Ayjara. PALATALIZAÇÃO DAS PLOSIVAS ALVEOLARES EM FLORES DA CUNHA (RS): VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRÁTICAS SOCIAIS. Alfa, São Paulo, 56 (3): 1117-1149, 2012. Acesso: 28.08.2017 às 10:00
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em Língua Materna: A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 [Linguagem;04]
- CALLOU, DINAH. Iniciação à fonética e à fonologia / Dinah Callou, Yonne Leite - 11. Ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- CARDOSO, Denise Porto. Fonologia da Língua Portuguesa/Denise Porto Cardoso São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.
- CIPRO, Neto, Pasquale. Gramatica da língua portuguesa/ Pasquale & Ulisses. —São Paulo: Scipione, 1998.
- DUBOIS, Jean et al. Dicionário de linguística. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- FERREIRA, Katriana Jacaúna Farias. Sociolinguística e Educação: Uma Abordagem para o estudo de língua, linguagem e sociedade amazônica. Web-Revista Sociodialeto. UEMS/Campo Grande. ISSN: 2 178 - 1486 • Volume 4 • Número 11 • Novembro 2013. Acesso: 25.05.2017 as 14h00min
- HORA, Dermeval da; Henrique. Pedro Felipe de Lima. Um olhar sobre a palatização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense.
<http://seven-e.com/tag/aparelho-fonador/>. Acesso: 10.08.2017 as 8:00 pm
- JESUS, Claudia Santos de. MOTA, Jacyra Andrade. A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM CAPITAIS BRASILEIRAS, COM BASE EM DADOS DO ALiB: O CASO DE *ESTILINGUE* E *PROSTITUTA* . Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura. (PPGLinC- UFBA). Acesso: Acesso: 08.09.2017 as 11h00min
- LABOV, William (1982). Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (eds.) Perspectives on Historical Linguistics. Amsterdam: John Benjamins: 17-92.
- MARTELOTTA, Carlos Eduardo (org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOLLICA, BRAGA. Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação/ Maria Cecilia Mollica, Maria Luiza Braga., (org.).-4.ed., 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2013.

- OLIVEIRA. Marilucia. RAZKY. Abdelhak. SILVA. Wilker. COSTA. Céliane. Imagens preliminares da realização variável de /l/ prevocálico no Estado do Pará. *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 257-278, jul. 2009. Acesso: 15.08.2017 as 15h00min
- ROCHA. Franciane; ALMEIDA. Norma Lúcia F. de. FENÔMENO PALATIZAÇÃO EM LOCALIDADES RURAL E URBANA DA REGIÃO DO PARAGUAÇU – BAHIA. Acesso: 27.11.2017 às 14h35min.
- SANTOS, Gisélia Brito dos. Análise fonético-acústica das vogais orais e nasais do português [manuscrito]: Brasil e Portugal / Gisélia Brito dos Santos. - 2013.
- SILVA. Thaís Cristófar. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios / Thaís Cristófar Silva. 7. Ed. - São Paulo: Contexto, 2003.
- SIMÕES. Darcília. Considerações sobre a fala e a escrita: Fonologia em nova chave- São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- TARALLO, Fernando. A Pesquisa Sociolinguística. 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.